

PROPOSTA 1



Disponível em <<http://www.frasiaforismi.com/aforismi/ipocrisia-e-falsita/>>. Acesso em 06 set. 2016.

A autenticidade, que consiste em manter-se fiel a sua essência, ao seu “eu” interior, é uma característica positiva do ser humano. Alguns estudiosos questionam, entretanto, se é possível cultivar a autenticidade na sociedade em que vivemos, condicionados a agir conforme as normas e padrões ditados pelo mundo exterior.

**TAREFA**

Com base nessas considerações, redija um texto argumentativo em que você responda à seguinte questão:

- **Em sua opinião, é possível viver de forma autêntica na sociedade contemporânea?  
Fundamente sua tese em argumentos consistentes.**

# Textos de apoio para a proposta 1

## Texto 1

### Falando de autenticidade\*

*Sandra de Souza Batista Abud\*\**

Infelizmente, a sociedade contemporânea não está habituada a ver políticos, líderes religiosos, pessoas agindo com autenticidade.

Entretanto, é histórica essa relação entre essência e aparência. A correspondência entre essas duas características era profunda e seriamente considerada na Grécia Antiga, quando qualquer demonstração de distância da verdadeira essência era chamada de “prostituição”, significado diferente dos tempos atuais.

A autenticidade, ou integridade e honestidade, é resgatada pela Psicologia como uma das forças pessoais. A autenticidade corresponde à característica de dizer a verdade e viver de modo genuíno. Ser autêntico é ter comportamento compatível com os próprios valores.

Nesse contexto, é de primordial importância o autoconhecimento. E é de primordial importância também se fazerem questões como estas: A minha verdadeira essência está compatível com os valores que reproduzo em minhas ações? Eu sou quem acredito ser? Tenho consciência do que é minha essência? Minhas ações são capazes de exprimir quem sou e como penso? Minhas atitudes estão em sintonia com

o meu eu? Sou autêntico? Somos educados para agir com autenticidade?

O ritmo de vida atual afasta os indivíduos dessa reflexão. Vive-se, atualmente, em uma sociedade em que o ter é que importa e o ser tem pouco espaço, e, como consequência, não se descobre quem se é. Na verdade, as pessoas até confessam a dificuldade de definir seus valores essenciais, por não refletirem sobre o assunto.

Voltando à Grécia Antiga, Sócrates, filósofo grego, já dizia, em seu tempo, que o homem que não se conhecia era um bárbaro – aquele que, para os gregos, romanos e depois para outros povos, era quem pertencia a outra raça de civilização e falava outra língua –, ou seja, um estrangeiro, um desconhecido. Contemporaneamente, bárbaro significa cruel, desumano, feroz, rude, grosseiro.

Urge entender que a verdadeira virtude e a verdadeira felicidade fundamentam-se na correspondência entre essência e aparência.

\*Texto publicado no Jornal da Manhã Online, em 13 de novembro de 2014. Disponível em <<http://jmonline.com.br/novo/?noticias,22,ARTICULISTAS,102184>>. Acesso em 29 ago. 2016. Adaptação.

\*\*Psicóloga Clínica.

## Texto 2

### Da sinceridade à autenticidade\*

*César Pimentel, Pedro Moraes, Mateus Bayer, Luiza Corrêa*

Um dos primeiros índices de uma transformação moral pode ser remontado ao campo filosófico. Segundo Taylor (2011), em Rousseau, desenvolve-se um nexos complexo e inovador entre costumes sociais e realidade psicológica. Constatando que o “eu” é inseparável da vida social, Rousseau pergunta-se como podemos viver de modo autêntico, sem sermos ofuscados pelo excesso de convenções. Essa questão, própria questão da autenticidade, está no centro do

pensamento de Rousseau. A intensa busca por ser “si mesmo” move seu pensamento e expressa sua inquietação, articulando sua obra aos mais diferentes campos do conhecimento.

Os inúmeros códigos e convenções, bem como as regras de etiqueta e educação, compõem, segundo o filósofo, um jogo de aparências que distanciam o indivíduo de sua singularidade. É nesses termos que formula severas críticas à civilidade do mundo aristo-

crático. De acordo com sua análise, pelo fato de os indivíduos nas grandes cidades terem de adequar-se aos bons costumes, deixam de seguir sua própria aptidão. À revelia do que pense, sinta ou deseje, o homem deve agir da forma que a sociedade considera adequada. Assim, perde-se sob a máscara que o olhar público impõe a todos, desaparecendo no interior da uniformidade. Energicamente, Rousseau endereça críticas a essa lógica, denunciando prejuízos do culto à aparência sobre o que considera a natureza sentimental e espontânea do eu.

Vale destacar que essa concepção do homem urbano como duplo, visto que cindido entre aparência e essência, não era, de forma alguma, evidente antes de ser formalizada pela análise de Rousseau. No mundo clássico, ainda não havia uma cisão, pelo menos uma cisão tão nítida, entre interioridade/exterioridade, privado/público, realidade/artifício, já que o ser se constituía no próprio ato de aparecer. Era no domínio público que a subjetividade se formava, sendo aparência e essência, portanto, indissociáveis. Balthazar Gracian, teólogo e filósofo espanhol do século XVII, dizia que “o que não se vê é como se não existisse” (citado por COURTINE e HARROCHE, 1988, p. 246). Isto é, o ser só poderia concretizar-se no âmbito dos códigos e de tudo aquilo que se fazia aparecer. A concepção de que haveria um ser autêntico obscurecido por trás da aparência foi sendo formulada na esteira das análises de Rousseau, o que influenciou o olhar de muitos pensadores sobre a civilidade do século XVII. Mais do que isso, a própria formação do sentimento de si e de uma

subjetividade pretensamente destacada da relação com o outro foram engendrando-se através da teoria de Rousseau e de suas repercussões.

Uma condenação severa à estima pelo olhar e consideração foi disparada. De acordo com Rousseau, daí se origina o mal: o indivíduo, ao comportar-se em função do olhar e da visibilidade, torna-se outro, estrangeiro a si mesmo (COURTINE e HARROCHE, 1988). Para agir tal como a sociedade exige, ele exerce um cálculo constante sobre seus atos, controlando-se e reprimindo os sentimentos, formando assim uma aparência enganosa. Por essa perspectiva, a máscara, antes o próprio modo de a subjetividade constituir-se, torna-se engano, dissimulação, “repressão da fisionomia autêntica” (COURTINE e HARROCHE, 1988, p. 244).

Cabe, então, perguntar: o que seria a autenticidade de acordo com o ponto de vista aí colocado? À primeira vista, parece que ser autêntico significa desvencilhar-se de tudo aquilo que impediria a livre irrupção de impulsos, sentimentos e anseios individuais, abrindo espaço para uma expressão plena de si. A autenticidade estaria, portanto, em oposição às balizas sociais. Esse sentimento é derivado de uma concepção de indivíduo como núcleo singular, no qual a existência social se inscreve em momento posterior e secundário. Trata-se de uma forma subjetiva cujo laço social é rasgado: independente da relação com o outro e unicamente exercida quando deste distanciada.

\*Excerto do artigo Da sinceridade à autenticidade. *Clínica & Cultura* v.II, n.1, jan-jun 2013, 70-81. Acesso em 29 ago. 2016. Adaptação.

### Texto 3

#### O que é ser autêntico?\*

Jerônimo Mendes\*\*

De acordo com Nathaniel Branden, Ph.D. em Psicologia, “as mentiras mais devastadoras para a nossa autoestima não são as que contamos, mas as que vivemos”. De fato, quando a realidade da nossa experiência e a essência do nosso ser são distorcidas, vivemos aquilo que comumente se denomina mentira, ilusão, autoengano, fantasia e, por vezes, falta de integridade. Tão difícil quanto aceitar a realidade é entender a autenticidade.

Autenticidade é a característica de quem é íntegro, legítimo, verdadeiro, sincero. [...] Ser autêntico exige uma luta constante consigo mesmo. Enquanto você tenta seguir à risca os ensinamentos proferidos por seus pais, amigos e professores inesquecíveis, o mundo ao seu redor sugere o contrário: um pouco de mentira não faz mal; todo mundo trai; ninguém vai sentir falta; todo mundo rouba; ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão; estudo não enche

barriga e outras afirmações absurdas que colocam em xeque a consciência e a autenticidade do ser humano.

Muitas pessoas recebem uma educação que anula o entendimento da autenticidade. Desde pequenas, aprendem a sorrir para quem não gostam, a negar o que sentem, a revidar em caso de ofensa, a apelar quando necessário, a rejeitar alguns aspectos da sua condição em vez de tentar entendê-los. Ser pobre ou menos abastado não significa ser inferior, mas não é isso o que reina.

Infelizmente, viver uma vida anônima, simples, com base em princípios e valores sólidos, não tem qualquer atrativo para a mídia em geral, que se vale da hipocrisia e da desgraça alheia. Para atender aos anseios da sociedade em geral, as pessoas representam o tempo todo e procuram fazer de tudo, em troca de alguns minutos de fama, exceto aquilo que sua consciência e seu coração mandam. O homem só é sincero sozinho, dizia Emerson, pensador norte-americano. [...]

Por essas razões, é bem mais fácil falar de autenticidade do que adquiri-la, o que soa um pouco contraditório. Em vida, nascemos e permanecemos autênticos por um bom tempo, entre a infância e parte da adolescência. De alguma forma, a realidade do mundo consegue modificar o comportamento das pessoas, algumas para o bem, outras nem tanto.

Em nome da sobrevivência, o ser humano tende a fingir-se de morto, a sufocar a dor, a bajular, a dissimular, a exaltar qualidades alheias e, por vezes,

a perder a fé em si mesmo. Entretanto, ser autêntico não significa revelar todos os segredos, entregar-se de corpo e alma numa relação, emitir opiniões controversas, dizer, abestalhadamente, tudo o que lhe vem à mente, disparar críticas infundadas, abrir mão das suas convicções.

Conservar a autenticidade é uma tarefa hercúlea, pois o “eu interior” precisa estar em sintonia com o “eu exterior”. Se, por um lado, pessoas autênticas são tachadas de antipáticas, frias e indiferentes, por outro, são mais respeitadas, conseguem mais amigos e transmitem mais confiança porque se pode contar com elas sem o perigo da traição, da mentira e da hipocrisia.

Pessoas autênticas valorizam a si mesmas e são mais autoconfiantes. Se você consegue expressar seus sentimentos com sinceridade e sutileza ao mesmo tempo, sem ferir os sentimentos alheios, você está no caminho certo. Ninguém conquista elevado nível de autenticidade sem antes compreender a si mesmo e, depois, o universo ao seu redor. De acordo com Jean-Paul Sartre, filósofo francês, o desejo de adquirir a autenticidade nada mais é do que o desejo de compreendê-la melhor e não a perder.

\*Texto publicado em 08 de fevereiro de 2010. Disponível em <<http://www.administradores.com.br/artigos/carreira/o-que-e-ser-autentico/38509/>>. Acesso em 11 set. 2016. Adaptação.

\*\*Administrador, Coach, Professor Universitário e Palestrante. Mestre em Organizações e Desenvolvimento Local pela UNIFAE.

## PROPOSTA 2



Disponível em <<http://automedicacaofarma.blogspot.com.br/2010/05/motivos-que-levam-automedicacao.html>>. Acesso em 06 set. 2016.

A automedicação, isto é, o uso de medicamentos por conta própria ou por indicação de pessoas não habilitadas e sem o acompanhamento de um profissional de saúde qualificado, é uma prática recorrente no Brasil e no mundo. Por um lado, profissionais da saúde demonstram preocupação com as possíveis consequências negativas do uso de medicamentos sem prescrição médica e, por outro, há os que defendem a ideia de que a automedicação, diante da crise do sistema de saúde, seria desejável, em certa medida.

### TAREFA

Com base nessas considerações, redija um texto argumentativo em que você responda à seguinte questão:

- **Em sua concepção, a automedicação deveria ser combatida ou é uma prática aceitável, considerando a atual situação dos serviços de saúde no Brasil? Fundamente sua tese em argumentos consistentes.**

## Textos de apoio para a proposta 2

### Texto 1

#### Automedicação\*

A automedicação é uma prática bastante difundida não apenas no Brasil, mas também em outros países. Em lugares onde o sistema de saúde é pouco estruturado, a ida à farmácia representa a primeira opção procurada para resolver um problema de saúde, e a maior parte dos medicamentos consumidos pela população é vendida sem receita médica. Contudo, mesmo na maioria dos países industrializados, vários medicamentos de uso mais simples e comum estão disponíveis em farmácias, drogarias ou supermercados e podem ser obtidos sem necessidade de receita médica (analgésicos, antitérmicos, etc).

Debate-se se um certo nível de automedicação seria desejável, pois contribuiria para reduzir a utilização desnecessária de serviços de saúde. Afinal, dos 160 milhões de brasileiros, 120 não têm convênios para assistência à saúde.

A decisão de levar um medicamento da palma da mão ao estômago é exclusiva do paciente. A responsabilidade de fazê-lo depende, no entanto, de haver ou não respaldo dado pela opinião do médico ou de outro profissional de saúde.

A fim de encurtar os caminhos para a obtenção do alívio dos incômodos que o afligem, em inúmeras ocasiões, diante de quaisquer sintomas, especialmente os mais comuns como aqueles decorrentes de viroses banais, o brasileiro vê-se, de pronto, impulsionado a utilizar os medicamentos populares para gripe, febre, dor de garganta; ou a procurar inicialmente orientação leiga, seja dos amigos íntimos ou de parentes mais experientes ou até mesmo do farmacêutico amigo, em busca de solução medicamentosa. A mídia televisiva e vários outros meios de comunicação e propaganda como o rádio ou “outdoors” insistem com seus apelos a estimular a adoção de tal postura, inserindo no final da propaganda a sua tradicional frase “persistindo os sintomas, um médico deve ser consultado”, como se isso os isentasse de toda e qualquer responsabilidade. Antes essa advertência do que nenhuma.

No Brasil, embora haja regulamentação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para a venda e propaganda de medicamentos que possam ser adquiridos sem prescrição médica, não há regulamentação nem orientação para aqueles que os utilizam. O fato de poder-se adquirir um medicamento sem prescrição não permite ao indivíduo fazer uso

indevido deste, isto é, usá-lo por indicação própria, na dose que lhe convém e na hora em que achar conveniente. Dados europeus indicam que, em média, 5,6 pessoas por farmácia e por semana fazem uso indevido de algum tipo de medicamento.

[...]

As razões pelas quais as pessoas se automedicam são inúmeras. A propaganda desenfreada e massiva de determinados medicamentos contrasta com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da automedicação. A dificuldade e o custo de conseguir-se uma opinião médica, a limitação do poder prescritivo, restrito a poucos profissionais de saúde, o desespero e a angústia desencadeados por sintomas ou pela possibilidade de desenvolver-se uma doença, informações sobre medicamentos obtidos à boca pequena, na internet ou em outros meios de comunicação, a falta de regulamentação e fiscalização daqueles que vendem e a falta de programas educativos sobre os efeitos muitas vezes irreparáveis da automedicação são alguns dos motivos que levam as pessoas a adquirirem remédios sem receita médica.[...]

Considerando-se que as doenças psicossomáticas têm grande prevalência, permite-se até admitir que as chances de erro ao trilhar esse comportamento são pequenas, alegando-se que os produtos disponibilizados, em sua maioria, não oferecem grandes riscos. Contudo, os riscos existem e devem ser considerados. Produtos sem o devido controle de qualidade, como prosaicos cosméticos aplicados sobre o couro cabeludo, mostraram efeito teratogênico, devido à contaminação por chumbo. O uso tópico não é isento de efeitos indesejáveis. [...]

A automedicação pode mascarar diagnósticos na fase inicial da doença. Exemplo marcante é o diagnóstico de apendicite aguda. O doente inicia com um quadro frusto, automedica-se com antibióticos. Como consequência, a apendicite aguda em fase inicial, que se resolveria com uma apendicectomia tecnicamente fácil, pode evoluir para um quadro de peritonite grave, com consequências às vezes funestas. [...]

O problema é universal, antigo e de grandes proporções. A automedicação pode ser considerada uma forma de não adesão às orientações médicas e de saúde. Nesse sentido, Hipócrates já sentenciou: “To-

da vez que um indivíduo diz que segue exatamente o que eu peço, está mentindo”. Não há como acabar com a automedicação, talvez pela própria condição humana de testar e arriscar decisões. Há, contudo, meios para minimizá-la. Programas de orientação para profissionais de saúde, farmacêuticos, balconistas

e população em geral, além do estímulo à fiscalização apropriada, são fundamentais nessa situação.

\*Texto publicado na Revista da Associação Brasileira de Medicina, v. 47, n.4, São Paulo, out/dez. 2001 Disponível em < <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-42302001000400001>>. Acesso em 29 ago. 2016. Adaptação.

## Texto 2

### Minimizar a automedicação é uma realidade utópica, mas necessária\*

*Antonio Carlos Lopes\*\**

Ir à farmácia por conta própria é, muitas vezes, a primeira opção do brasileiro que pretende aliviar seus sintomas – principalmente os mais comuns do dia a dia, advindos de gripes, viroses, dores de cabeça, dores de estômago, entre outros.

O desespero em amenizar uma dor ou o medo de adquirir uma doença mais grave levam as pessoas a escolherem, entre inúmeras opções, o MIP (Medicamento Isento de Prescrição) mais indicado para conter os incômodos momentâneos.

É válido ressaltar que os pacientes têm o direito de atuar sobre a própria saúde, no entanto devem exercer esse direito de maneira consciente e responsável. Mesmo que os MIPs sejam liberados e considerados seguros, há sempre um risco, de proporções imensuráveis. Por isso, a orientação de um profissional especializado é fundamental.

A nova regra da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que pretende facilitar a transformação de medicamentos tarja vermelha em MIPs, aspira fortalecer ainda mais o mercado focado nesse tipo de remédio, apoiando-se, principalmente, na deterioração do sistema de saúde.

Sabemos que a estrutura da rede pública no Brasil não tem capacidade de oferecer atendimento a toda a população. Os pronto-socorros estão lotados, e os agendamentos de consulta nas UBSs (Unidades Básicas de Saúde) e nas AMAs (Assistência Médica Ambulatorial) demoram muito, como também é verificado na medicina de grupo.

Com isso, acabamos sendo obrigados a aceitar a chamada “automedicação permitida”, mas apenas nos casos em que a doença já foi diagnosticada por um médico, e o medicamento foi anteriormente prescrito. E, quando os sintomas mudam de característica ou passam a não responder mais ao medicamento, aí a indicação é a de voltar ao médico.

Apesar da regulamentação da Anvisa, cautela e responsabilidade são imprescindíveis com a própria saúde. O paciente pode ter fácil acesso, mas não pode utilizá-lo como quiser: as doses e os horários devem ser orientados por um médico. Além disso, uma consulta periódica com um clínico é fundamental para assegurar se o uso regular dos remédios sem receita apresenta, ou não, riscos.

A automedicação está associada a uma ideia de praticidade, rapidez e autocuidado, o que pode ser, muitas vezes, perigoso. A ingestão de um medicamento pressupõe um diagnóstico clínico que é estritamente da alçada do médico. Caso contrário, pode desencadear uma série de problemas, como o agravamento de doenças preexistentes ou interação com outros medicamentos, provocando efeitos colaterais muitas vezes desastrosos.

Porém, os medicamentos isentos de prescrição recebem vasta divulgação na mídia e permanecem ao alcance até de crianças. Assim, são banalizados e transformados em produtos como quaisquer outros, prontos para o consumo.

Profissionais de saúde, farmacêuticos e balconistas necessitam de orientações adequadas para transmiti-las à população. É leviano liberar medicamentos sem oferecer, de forma clara e concisa, explicações e orientações que auxiliem o paciente no consumo daquela substância.

Minimizar a automedicação ainda é uma realidade utópica, mas precisamos dar esses primeiros passos para colaborar com a saúde dos pacientes.

\*Texto publicado em 16 de março de 2016. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/opiniaocoluna/2016/03/16/minimizar-a-automedicacao-e-uma-realidade-utopica-mas-necessaria.htm>>. Acesso em 06 set. 2016. Adaptação.

\*\* Presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica.

### Texto 3

#### Farmacêuticos lançam campanha contra automedicação\*

***Ação fictícia realizada no fim do ano passado distribuiu remédios falsos para a população; 85% aceitou a medicação sem perguntar nada***

*Fernanda Bassette\*\**

Em uma ação inédita, o Conselho Federal de Farmácia (CFF) lança, nesta segunda-feira, uma campanha nacional contra a automedicação. Participam da ação os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Acre, Pará e o Distrito Federal.

A campanha foi embasada em uma ação fictícia de *marketing* realizada em São Paulo, em dezembro de 2013, para o lançamento de um novo medicamento. Uma equipe do CFF simulou ser promotora de vendas de uma indústria farmacêutica falsa e distribuiu 4 mil caixas de um medicamento inexistente para as pessoas que passavam pelo local. Havia até o boneco gigante da caixa do remédio.

A embalagem do remédio falso, muito parecida com uma embalagem real, não tinha nome do fabricante nem o princípio ativo da medicação. Dentro, havia uma cartela com drágeas vazias e um alerta sobre os riscos da automedicação.

A ideia era exatamente alertar a população sobre os riscos do consumo de remédios sem indicação. Durante a ação, enquanto o falso *promoter* entregava o medicamento, outra pessoa da equipe preenchia um formulário, observando três questões básicas: 1 – a pessoa perguntou quem era o fabricante do remédio; 2 – perguntou se havia contra-indicação; 3 – perguntou quais eram as indicações da medicação.

Os resultados são alarmantes: 85% das pessoas que receberam o remédio falso não perguntaram

nada. Do total, 14,96% perguntaram para que servia, menos de 1% questionaram se havia contra-indicação e efeitos colaterais e só 0,35% perguntaram sobre o fabricante.

“Os dados demonstram que as pessoas entendem que o medicamento é um produto qualquer, sem riscos. Elas aceitam receber um remédio como se estivessem recebendo um pacote de bolachas”, avalia Pedro Menegasso, presidente do Conselho Regional de Farmácia de São Paulo (CRF-SP). Segundo o CFF, nos últimos cinco anos, o Brasil registrou quase 60 mil internações por intoxicação medicamentosa. Em 2010, segundo o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox), 27.710 pessoas foram internadas. Somente no Hospital das Clínicas de São Paulo, são cerca de 600 ao mês.

Ainda, segundo o Sinitox, os medicamentos ocupam a primeira posição entre os três principais agentes causadores de intoxicações em seres humanos, desde 1996. Menegasso diz que é preciso existir um processo de educação da população sobre os riscos do uso inadequado de medicamentos.

\*Notícia publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, em 20 de janeiro de 2014. Disponível em <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,farmacuticos-lancam-campanha-contra-automedicacao,1120776>>. Acesso em 30 ago. 2016. Adaptação.

\*\*Jornalista.